

APRESENTAÇÃO

Esta nova edição da *Revista da SEP* encerra o ano de 2021, um dos mais desafiadores da nossa história, não só pela crise mundial que envolveu (e ainda envolve) a pandemia da Covid-19, mas também pelas políticas econômicas – ou ausência destas – em meio a um período tão difícil do capitalismo para a classe trabalhadora.

Diante da crise, algumas velhas discussões ressurgiram sobre o papel do Estado na economia. Joe Biden, presidente dos Estados Unidos, conseguiu dar alguns andamentos no Congresso Nacional para a aprovação de um segundo pacote de investimentos de cerca de US\$ 2 trilhões, que, somado ao do ano anterior de US\$ 1,2 trilhão, é a maior agenda de investimentos federais, em pelo menos meio século, para resgate da economia norte-americana e para projetá-la diante da ascensão da economia chinesa, que muito preocupa o imperialismo norte-americano. No Brasil, o uso do que se denominou “orçamento secreto” foi a “alternativa” encontrada pelo governo federal para romper a política insensata do teto de gastos, sem explicitamente revelá-la. Com as emendas de relator, ganhou apoio de congressistas e evitou colocar-se em choque com uma ala importante para seu apoio vinda de economistas do *mainstream*, ancorada, por um lado, no discurso dos supostos benefícios do arrocho fiscal, e satisfeita, por outro, pela drenagem dos recursos públicos para o capital fictício, com uma trajetória ascendente e acelerada dos juros básicos da economia.

Os últimos meses de 2021 foram marcados ainda pela Conferência Mundial do Clima (COP-26), em Glasgow (Escócia), em que pouco se avançou

para resolver, de fato, os problemas climáticos, uma vez que isso implicaria discutir as contradições do modo de produção capitalista, algo fora da agenda da maioria das representações presentes. Apesar da extrema importância do tema, além de não ter protagonismo na discussão da própria COP-26, a delegação brasileira, inclusive, negou que a Floresta Amazônica estaria em chamas. Os dados que saíram logo depois do evento mostraram, entretanto, que o desmatamento na maior floresta tropical do planeta chegou a 13.235 km² entre 2020 e 2021, o maior em 15 anos, de acordo com o sistema de monitoramento PRODES, do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE).

Neste novo número da *Revista da SEP*, a questão ambiental recebe atenção em dois artigos mais centrados neste tema. Por convite do comitê editorial anterior, a edição traz uma tradução, realizada por Fábio De Maria, do texto “On fire this time” (Pegando fogo desta vez), de John Bellamy Foster. Infelizmente, os trâmites envolvendo a tradução impediram a sua publicação em edições anteriores. Ainda assim, a saída de um novo relatório do IPCC (*Intergovernmental Panel on Climate Change*) neste ano e as discussões climáticas em outros fóruns indicam a urgência deste tipo de discussão. Originalmente publicado em 2019, o artigo de Foster trata dos desafios climáticos daquele momento que era visto por ele como o início do que parecia ser uma revolução ecológica.

A edição também traz um artigo em torno da ecologia política de André Gorz. Os autores Augusto Maganha Barbosa e Paulo Sérgio Fracalanza debatem argumentos de Gorz sobre a urgência de uma mudança radical na forma de organização da sociedade atual diante da crise do capitalismo.

Com esta edição, a revista tem também a satisfação de retomar a publicação de sua antiga seção de Textos e Documentos Especiais, voltada a contribuições como cartas, entrevistas, entre outros. Na reinauguração desta seção, está um importante trabalho de Mario Soares Neto, pesquisador que fez a tradução, notas e apresentação da Carta de Marx para Laura e Paul Lafargue em Paris, de 5 de março de 1870. A correspondência escrita

em inglês e com trechos em francês – vertida para a língua portuguesa de forma inédita – mostra que Marx se contrapôs profundamente à noção de supremacia racial branca defendida pelo pai do “racismo científico”, o conde de Gobineau. O escrito do acervo pessoal de Marx também aborda aspectos da sua afetuosa relação familiar (em especial com Laura e Paul Lafargue), além de debates sobre os fenianos e a situação da Irlanda, bem como sobre a revolução social na Rússia. Além disso, constam indagações como: (i) se Blanqui encontrava-se em Paris; (ii) referentes à tradução francesa de *O capital*; e (iii) em relação à mudança de Engels de Manchester para Londres. Agradecemos à editora Lawrence and Wishart®, que, por intermédio de Mario, gentilmente concedeu-nos autorização para a publicação desse material.

Sobre os demais artigos deste número, destaca-se uma contribuição de Maria Angélica Borges, que analisa a atualidade da obra de Marx *O capital* para o entendimento do ser social por meio dos estudos do filósofo György Lukács. Outro texto que dialoga com a obra de Lukács foi escrito por André Guimarães Augusto. Em seu artigo, o autor traça uma análise comparativa entre o liberalismo de Adam Smith e o neoliberalismo de von Mises e defende que há, na trajetória entre essas duas teorizações, elementos que caracterizam a decadência ideológica, como exposta por Lukács.

Patrick Galba de Paula também contribui com esta edição com o artigo intitulado “Teoria do valor-trabalho: determinação pelo trabalho vivo como alternativa às interpretações fisiológicas e da forma-valor”. O artigo realiza uma interpretação diferente da tradicional e fisiológica do valor-trabalho, além de apresentar uma crítica a essas análises, discutindo suas principais limitações e dificuldades.

Esta edição traz ainda um texto de Tiago Oliveira e Maria Clara Oliveira, que trata sobre o início de uma nova etapa no pensamento da CEPAL. De acordo com o artigo, a partir do fracasso das reformas neoliberais em estimular o crescimento econômico e ampliar o bem-estar na América Latina, especialmente a partir da crise de 2008, a CEPAL teria reconquistado um

protagonismo na região, com uma discussão de desenvolvimento com equidade como alternativa ao neoliberalismo.

Uma interpretação sobre algumas transformações da Petrobras é feita pelo artigo de Valéria Silva Mortari, Cássio Garcia Ribeiro, Marcelo Loural e Aparecida Oliveira. O texto discute como a Petrobras passou de agente do desenvolvimento produtivo brasileiro para um esvaziamento dessa sua atuação, sobretudo a partir do governo do presidente Michel Temer, quando uma nova estratégia, muito mais direcionada ao aumento dos dividendos dos acionistas, foi colocada em ação.

Por fim, este número traz a resenha de Luis Eduardo da Rocha Maia Fernandes sobre o livro *A Theory of Imperialism*, dos professores do Centro de Estudos Econômicos e Planejamento da Escola de Ciências Sociais da Universidade Jawaharlal Nehru, na Índia, Utsa Patnaik e Prabhat Patnaik. A obra, ainda não publicada em português, contribui para o conhecimento da complexidade do capitalismo contemporâneo, o que envolve entender a economia política da fome, da pobreza e do desemprego nos países periféricos. Também proporciona ao leitor a compreensão de que não existe capitalismo sem imperialismo, embora o imperialismo se reconfigure em sua forma e intensidade.

Agradecemos ao Comitê Editorial anterior pela seleção de parte do material que compõe esta edição.

Boa leitura!

Comitê Editorial